

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v21i37.1148>

ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos. *A Senhora do Maranhão: uma biografia de Ana Jansen*. São Luís: Editora UEMA, 2023. 188p.

SALVE ANA, SALVE DONANA: um olhar sobre a biografia da Senhora do Maranhão, Ana Jansen¹

SALVE ANA, SALVE DONANA: a look at the biography of the Queen of Maranhão, Ana Jansen

SALVE ANA, SALVE DONANA: una mirada a la biografía de la Señora de Maranhão, Ana Jansen

NILA MICHELE BASTOS SANTOS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1430-518>

Doutoranda em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Professora EBTT de História do Instituto Federal Maranhão (IFMA)

São Luís/Maranhão/Brasil

nila.santos@ifma.edu.br

“Quem conhece Ana Jansen?” No Maranhão, especificamente em São Luís, a pergunta poderia ser facilmente respondida com outra indagação: mas quem não conhece Ana Jansen?

Na capital maranhense, é bastante improvável encontrarmos pessoas que não tenham ouvido falar da rica senhora de escravos, da sua extrema crueldade, do seu poder político, da forma como tratava os seus inimigos, ou mesmo dos passeios fantasmagóricos em carruagens, que assombram as ruas do centro histórico atribuídos à sua alma penada.

Entre os mais velhos, é possível ainda ouvirmos relatos fascinantes, tanto históricos quanto mitológicos, daquela chamada, por muitos, de Senhora do Maranhão. Donana, como também ficou conhecida, é mais do que uma figura histórica, mas o epítome do difuso “caldeirão cultural” de São Luís, atraindo tanto defensores apaixonados por representar uma mulher “à frente de seu tempo”, que, por meio de sua inteligência, tino político e comercial, alcançou patamares superiores aos de muitos homens de sua época; quanto críticos ferrenhos, os quais a demonizam por sua impertinência e ambição, rebaixando-a a uma mulher perversa, e, assim, condenada a vagar como um fantasma em decorrência de seus supostos pecados.

As visões são bastante diversificadas. No entanto, apesar de muito se ter dito,

¹ Resenha submetido à avaliação em outubro de 2023 e aprovado para publicação em dezembro de 2023.

pouco realmente foi submetido ao rigor de uma pesquisa histórica densa e aprofundada, o que torna tão importante a obra das professoras do Departamento de História da Universidade Estadual do Maranhão, Dr.^a Elizabeth Sousa Abrantes e Dr.^a Sandra Regina Rodrigues dos Santos. Trata-se, pois, de uma biografia pioneira, teórica e metodologicamente fundamentada em um vasto acervo documental sobre Ana Jansen.

Com um texto fluido e instigante, capaz de agradar igualmente acadêmicos e o público não especializado, o livro intitulado *A Senhora do Maranhão: uma biografia de Ana Jansen* foi lançado pela editora UEMA, em 2023. A sua análise favorece uma compreensão mais aprofundada da história do Maranhão, pois, para além da singularidade da personagem principal desta pesquisa, a biografia de Ana Jansen aborda temas relevantes, como escravidão, poder político, gênero e cultura na sociedade maranhense do século XIX.

Ao enfatizar eventos, personagens e contextos específicos da vida da matriarca da família Jansen, as autoras proporcionam uma perspectiva mais ampla e rica da história maranhense, o que pode ser particularmente útil para os estudos da educação básica, uma vez que esse conteúdo é frequentemente negligenciado nos currículos escolares. Além disso, as especialistas contribuem para o fortalecimento da história pública, que, como bem define o professor Bruno Leal P. de Carvalho, é “[...] uma forma de o historiador profissional engajar diferentes públicos não-especialistas com o conhecimento histórico, de forma crítica, participativa e emancipatória” (Carvalho, 2017).

O cerne desse campo está justamente na democratização do saber e fazer histórico e historiográfico, abrindo a Academia para novos saberes e narrativas mais coletivos, sem negligenciar a cientificidade. Na realidade, a história pública leva a história científica às grandes audiências (Rovai, 2020), e é nesse contexto que esta obra se insere. O mencionado estilo narrativo das autoras tem o poder de cativar um público mais amplo, tornando a história mais envolvente e pessoal. Esse envolvimento emocional, proporcionado pela leitura da obra, torna possível estabelecer uma ligação mais estreita entre o público e o passado, favorecendo, dessa forma, os objetivos da história pública.

Apresentando as diversas faces de Ana Jansen, as autoras também demonstram que a metodologia da biografia, quando usada rigorosamente, pode ser aplicada tanto para reconstruir a vida quanto os tempos de figuras históricas, fornecendo-nos, assim, percepções não somente sobre os indivíduos, mas também acerca do contexto histórico em que viveram.

Outro aspecto relevante do texto das professoras Elizabeth Abrantes e Sandra Regina é a inclusão dos elementos mitológicos e lendários, que envolvem a figura da Senhora do Maranhão, o que pode facilmente agradar aqueles que se interessam pela cultura popular,

sem descuidar da discussão sobre o imaginário e a memória coletiva. A obra é fundamentada nos pressupostos dos estudos de gênero, deixando claro que essa categoria se concentra na relação entre mulheres e homens, bem como as formas de exercício do poder. Conforme as autoras,

Na busca de entender a atuação de Ana Jansen na sociedade maranhense e descortinar novos perfis de mulheres no século XIX, diferentes dos estereótipos de passividade, submissão e confinamento no espaço doméstico, procuramos superar a dicotomia de ‘vitimização’ ou ‘heroísmo’, e destacar os protagonismos femininos como ‘sujeitos políticos ativos e participantes da mudança social e de sua própria mudança, assim como suas alianças e, inclusive, participação na manutenção da ordem patriarcal’ (Abrantes; Santos, 2023, p. 23).

Além do prefácio elaborado pela professora Dr.^a Julia Constança, do Departamento de História da UEMA, o livro possui uma rica introdução das autoras, apresentando diversas obras nas quais Ana Jansen é mencionada, seja como personagem principal ou como uma parte do texto. São desde ensaios sobre a sua vida, como o primeiro realizado por Jerônimo de Viveiros, passando por obras de ficção, romances, cordéis, peças teatrais, vídeos, documentários, guias folclóricos, literatura infanto-juvenil, até estudos acadêmicos como artigos, monografias, dissertações e teses. Ademais, a introdução também apresenta sintetizadamente as partes do ensaio biográfico.

Dividida em 10 capítulos, a obra traz como anexos importantes documentos utilizados na pesquisa, como o patrimônio de Dona Ana Jansen em Bens/Imóveis (p. 165); a doação de arroz feita por Dona Ana Jansen à guerra do sul (p. 167); a Carta de Brasão de Armas cedida para Pedro Jansen Müller de Praet (p. 169); o requerimento de título de baronesa de Santo Antônio (p. 173); o testamento de Ana Jansen (p. 175); o testamento do Cel. Izidoro Rodrigues Pereira (p. 181) e Cordéis sobre a Senhora do Maranhão (p. 185).

No primeiro capítulo, intitulado “Ana Jansen entra em cena”, as autoras apresentam Ana Joaquina de Castro Jansen de Albuquerque, descendente da nobreza portuguesa, o que não a ajudou a escapar da pobreza ou a adquirir um dote que a possibilitasse um casamento, o qual a elevaria socialmente. O capítulo também destaca o triângulo amoroso formado por Ana, o rico coronel Isidoro Rodrigues Pereira e a sua esposa, Vicência Rosa, oito anos mais velha do que o marido.

Por esse ínterim, podemos ler não apenas sobre as relações afetivas entre o coronel e Ana, mas também se descortinam os aspectos socio-morais destinados às esposas, sem filhos. De acordo com as autoras,

É possível imaginar não só a cobrança social em torno de D. Vicência, como sua angústia em não poder proporcionar um herdeiro para tamanha fortuna do coronel e a continuidade de seu nome de família. Assim, além da conveniência tradicional que a sociedade patriarcal já fazia em relação aos casos extraconjugais dos maridos, esse fato da sua infertilidade pode ter contribuído para a necessidade de fazer ‘vistas grossas’ para a traição do marido, afinal, é bem possível que D. Vicência soubesse da existência da jovem Ana Jansen em suas vidas (Abrantes; Santos, 2023, p. 35).

Em contraposição à infertilidade de D. Vicência, a jovem Ana já tinha um filho quando iniciou seu relacionamento com o Coronel e soube utilizar de várias táticas para esconder os “[...] sucessivos estados de gravidez na condição de amante, a chamada ‘gordura fatal’ que deixava marcas no corpo que denunciavam o seu ‘pecado’, conforme os ditames morais e religiosos da época” (Abrantes; Santos, 2023, p. 37).

Após se tornar viúvo e, mesmo com a idade avançada, o coronel não hesitou em contrair segunda núpcias com Ana, reconhecendo não apenas os seus próprios filhos com ela, mas também o primogênito de Donana, a quem deu-lhe o seu sobrenome. Ana Jansen viveu com o coronel, com quem passou a maior parte da juventude, até se tornar uma rica viúva aos 27 anos.

O segundo capítulo, intitulado “Entre amores e dissabores”, analisa, além da vida conjugal de Ana Jansen, as suas frustrações, como, por exemplo, o início da sua inserção na alta sociedade maranhense após o casamento, seus outros relacionamentos amorosos, as gravidezes fora do casamento, as táticas para esconder os filhos ilegítimos e as dificuldades enfrentadas com a rígida sociedade maranhense devido aos códigos morais, não cumpridos durante a sua vida.

Apresentam-se o estigma da mãe solteira e a utilização da roda dos enjeitados, criada no Maranhão, em 1827, a partir de uma doação de dois contos de réis deixada em testamento pelo coronel Isidoro Rodrigues Pereira e prontamente paga pela sua viúva D. Ana Joaquina Jansen Pereira. Assim explicam as autoras: “Considerando que dona Ana Jansen se valeu dessa tática de abandonar temporariamente seus filhos para depois resgatá-los, sabia da necessidade e da importância de uma instituição como a Roda dos Expostos” (Abrantes; Santos, 2023, p. 43).

Em “Donana e o dote da educação”, terceiro capítulo, aborda-se a preocupação de Ana Jansen em educar os filhos para que se sobressaíssem e seguissem carreiras de prestígio na sociedade, e isso incluía as filhas, cuja ocupação destinada era o casamento. Mesmo capaz de pagar o dote financeiro de suas filhas, Donana fez questão de fornecer-lhes instrução

consoante às normas sociais exigidas às damas da elite. As autoras aproveitam as atitudes de Ana Jansen com as filhas para debaterem as transformações sociais da educação feminina, demonstrando como, apesar de o ideal de domesticidade ter sido o foco das atividades, a inclusão de “[...] aprendizado de novas prendas, como a exibição de requinte ao falar uma outra língua, especialmente o francês, considerado o mais elegante” (Abrantes; Santos, 2023, p. 61), contribuiu para novas oportunidades de sociabilidade feminina.

O capítulo quatro, “Sinhá Donana e o seu talento para os negócios”, apresenta a economia maranhense do século XIX, as suas particularidades na segunda metade e a forma como Ana Jansen geriu a herança deixada pelo falecido marido, ampliando o seu patrimônio, diversificando as atividades de comércio, alugueis de casas, abastecimento de água, além de propriedades de escravos e fazendas, o que a transformou na mulher mais rica da província.

Já em “Nos salões com a fina flor da sociedade maranhense”, vislumbramos a sociabilidade da elite dominante de São Luís, composta, essencialmente, pelas famílias de abastados comerciantes e de fazendeiros, que formavam a minoria branca a controlar política e economicamente a província. Para as autoras:

Essa minoria branca, que se apresentava soberba e ativa em seus ricos palacetes, voltava seu olhar para os padrões culturais europeus, procurando afrancesar-se em seus costumes, a exemplo da moda que era seguida pelas elites, com roupas inadequadas ao clima equatorial de São Luís. Em meados do século XIX, a cidade contava com várias livrarias, gráficas, o teatro São Luís, inúmeros jornais, bancos, lojas de artigos de luxo, serviços de costureiras e cabeleireiros para deixar as elites de São Luís em dia com a moda européia (Abrantes; Santos, 2023, p. 81).

Embora Ana Jansen já possuísse grande fortuna, não foi fácil para ela romper “[...] o círculo de ferro daquela sociedade conservadora e moralista” (Abrantes; Santos, 2023, p. 84), coube, portanto, à família Jansen esbanjar todos os símbolos de ostentação “nobre” que possuíam: os seus palacetes, palanquins, a famosa carruagem e, é claro, todo o poder político e econômico que já tinha para assegurar o prestígio social tão desejado.

No sexto capítulo, “O espetáculo punitivo dos escravos no tempo de Ana Jansen”, as especialistas mergulham na sociedade hierárquica e escravista da São Luís oitocentista, não apenas relatando os costumes e o tratamento dispensados aos escravizados, mas também analisando as diversas representações de violência atribuídas a Ana Jansen, demonstrando como tais relatos foram mais imortalizados pela literatura do século XX do que, propriamente, pela verdade dos fatos. Isso não significa depreender que não havia crueldade com escravizados, afinal, são inúmeros os documentos que confirmam a existência de uma cultura

de violência, que era parte do sistema escravista.

O que as autoras chamam a atenção, e o fazem muito bem, é se, por acaso, Ana Jansen, por exemplo, tivesse o costume de ordenar que os escravos deitassem no chão para ela passar por cima deles, e assim não molhar seus sapatos, provavelmente ela não era a única a fazer isso. As autoras expõem que:

A ser considerado plausível esse costume excêntrico da matriarca dos Jansen, imaginamos que poderia ter sido também de muitas senhoras da vetusta província do Maranhão. Afinal, os escravos eram vistos por seus senhores como coisa, propriedades sobre as quais tinham plenos direitos de uso. No entanto, ao que parece, a fama pegou mesmo em Ana Jansen, haja vista que essa história dos sapatinhos de cetim de Donana, passando sobre os corpos dos escravos como se fossem tapetes, é repetida *ad nauseam* até os dias atuais (Abrantes; Santos, 2023, p. 99).

O sétimo capítulo – “Nos bastidores da política era ela quem mandava” – expõe o cenário político da província do Maranhão e o lugar de destaque que Ana Jansen alcançou, apesar dos espaços reduzidos, para não dizer negados, para as mulheres. As autoras ressaltam que, no período, as mulheres não dispunham do direito à cidadania plena, sendo-lhes negada participar das eleições, tampouco votar, mas, ainda assim, Donana soube atuar nos bastidores, impondo as suas vontades pelas vozes dos filhos, netos, genros, entre outros. Ana Jansen, como relatam:

[...] se impôs na sua família, criando um verdadeiro matriarcado, onde tudo tinha que passar pela sua aprovação. Com a grande fortuna e o temperamento forte, posto que capaz de desafiar a moral vigente e ocupar espaços tradicionalmente reservados aos homens, passou a expandir sua influência também na sociedade. Sua figura passou a ser respeitada ao mesmo tempo que era criticada e fazia inimigos igualmente poderosos. Dizia-se na época que no seu palacete não se fechavam as portas e nem se apagavam as luzes (Abrantes; Santos, 2023, p. 117).

O capítulo apresenta citações de diversos periódicos, demonstrando, mais uma vez, o exímio cuidado e a aprofundada pesquisa de fontes para a elaboração da obra. Já na seção seguinte, “A rainha que não se tornou baronesa”, mostra-se a tentativa de Ana Jansen de obter o tão almejado título de baronesa de Santo Antônio. O requerimento de solicitação, anexado no final da obra, foi analisado juntamente com os possíveis motivos para a recusa.

Ademais, as autoras revelam que as mulheres não costumavam solicitar essa benesse, uma vez que usufruíam do título à medida que os seus maridos fossem contemplados. Donana, no entanto, não demonstrou interesse em se casar novamente e nem

receber um título por extensão matrimonial. Ela própria peticionou e seguiu os trâmites necessários, mas o seu desejo não foi atendido:

Esse título de baronesa seria sua consagração na sociedade, um tapa com luva de pelica, como se dizia na época, em seus adversários e desafetos. Como baronesa poderia desfilar com mais altivez ainda e grandeza, tornando-se mais igual à chamada fina flor da sociedade maranhense. E, embora não pudesse negar ou apagar o passado que a fazia ser rejeitada por parte do seu círculo social, faria com que este a reverenciasse por sua ascendência nobre, ou por sua nobreza adquirida pelo título. Mas esse sonho não aconteceu, e a rainha do Maranhão não se tornou a Baronesa (Abrantes; Santos, 2023, p. 131).

Os dois últimos capítulos – “Quem tem medo de Ana Jansen? mitos e lendas” e “Ana Jansen sai de cena, mas povoa o imaginário” – abordam, respectivamente, tanto os elementos lendários quanto os mitológicos, que envolvem a personagem, além da comoção que a sua morte causou, o que veio a suscitar uma memória coletiva como a senhora do Maranhão.

As representações, sejam elas baseadas em lendas ou em pesquisas históricas, criaram uma figura, hoje indispensável à cultura maranhense, tornando-a parte da identidade cultural do estado.

Em resumo, o livro “*A Senhora do Maranhão: uma biografia de Ana Jansen*” desempenha um relevante papel na exploração de temas significativos da história do Maranhão. Os seus méritos ainda incluem a valiosa contribuição seja na compreensão popular dessa icônica mulher, enriquecendo e divulgando a história maranhense, seja no avanço do conhecimento acadêmico no campo da historiografia da biografia.

A memória de Ana Jansen tem sido fonte de lendas e narrativas, e esta obra é mais uma oportunidade para se conhecer melhor a respeito dessa mulher misteriosa, que, ainda hoje, desperta sentimentos contraditórios e marcou, indelevelmente, a sociedade maranhense de seu tempo.

Referências

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). *Café História – história feita com cliques*, 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/> Acesso em: 11 dez. 2023.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História pública: um desafio democrático aos historiadores. In: REIS, Tiago Siqueira (org.). *História do Tempo Presente*. Boa Vista:

Outros Tempos, vol. 21, n. 37, 2024, p. 316-323. ISSN: 1808-8031

Editora da UFRR, 2020. v. 2. (Coleção História do Tempo Presente). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5440936/mod_resource/content/1/cap%C3%ADtulo%20HIST%C3%93RIA%20P%C3%94BLICA%20UM%20DESAFIO%20DEMOCR%C3%81TICO%20AOS%20HISTORIADORES%20\(1\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5440936/mod_resource/content/1/cap%C3%ADtulo%20HIST%C3%93RIA%20P%C3%94BLICA%20UM%20DESAFIO%20DEMOCR%C3%81TICO%20AOS%20HISTORIADORES%20(1).pdf) . Acesso em: 11 dez. 2023.